

A SEQUÊNCIA DIDÁTICA COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA PARA A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA ANCESTRAL E O SAMBAQUI DE SÃO BENTO EM DUQUE DE CAXIAS

THE TEACHING SEQUENCE AS A METHODOLOGICAL STRATEGY FOR HERITAGE EDUCATION: REFLECTIONS ON ANCESTRAL MEMORY AND THE SÃO BENTO BUSH IN DUQUE DE CAXIAS

Tatiane de Oliveira Pinto

 <https://orcid.org/0000-0002-9717-4597>

Correspondência: tatiolp@ufrj.br

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Gabrielle Silva Sousa

 <https://orcid.org/0009-0007-5408-6654>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

DOI: [10.12957/cdf.2025.94267](https://doi.org/10.12957/cdf.2025.94267)

Recebido em: 22 set. 2025 | **Aceito em:** 25 nov. 2025

RESUMO

Neste artigo são apresentados resultados de uma investigação realizada no ano de 2023, cujo objetivo principal foi compreender a relação do Sambaqui do São Bento com o campo patrimonial, tendo como principal referência cultural a memória ancestral indígena na cidade de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. A metodologia utilizada para o estudo se caracterizou por contornos de uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa, onde se realizou revisão bibliográfica sobre temas do patrimônio, memória ancestral e Baixada Fluminense. Indica-se, ainda, a partir desta discussão, atividades de Sequência Didática, aqui sublinhada como valioso instrumento metodológico para a educação patrimonial, que no estudo foi aplicado em uma perspectiva experimental, enquanto ferramenta de pesquisa-ação. Como resultados, foi possível apurar a relevância do Sambaqui do São Bento como constituidor de memórias ancestrais de Duque de Caxias, sendo um importante referencial para o seu patrimônio, conferindo à sua população percepções de identidade e pertencimento.

Palavras-chave: Sequência didática; educação patrimonial; memória ancestral; Sambaqui de São Bento; Duque de Caxias.

ABSTRACT

This article presents the results of a 2023 study whose main objective was to understand the relationship between the São Bento Sambaqui and the heritage landscape, with the



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons BY 4.0, que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

ARTIGO | A Sequência Didática Como Estratégia Metodológica Para a Educação Patrimonial: Reflexões Sobre Memória Ancestral e o Samabaqui de São Bento em Duque de Caxias

main cultural reference being the indigenous ancestral memory of the city of Duque de Caxias, in the Baixada Fluminense region. The methodology used for the study was exploratory research with a qualitative approach, including a literature review on heritage, ancestral memory, and the Baixada Fluminense region. This discussion also suggests Didactic Sequence activities, highlighted here as a valuable methodological tool for heritage education, which were applied experimentally in this study as an action research tool. The results demonstrated the relevance of the São Bento Sambaqui as a repository of ancestral memories in Duque de Caxias, serving as an important reference for its heritage, providing its residents with a sense of identity and belonging.

Keywords: Didactic sequence; heritage education; ancestral memory; Sambaqui of São Bento; Duque de Caxias.

1 INTRODUÇÃO

No presente artigo apresentam-se resultados de estudo realizado no ano de 2023, cujo objetivo principal foi compreender a relação do Sambaqui do São Bento com o campo patrimonial, tendo como principal referência cultural a memória ancestral indígena no território da Baixada Fluminense (Sousa, 2023). Desse modo, o objetivo deste manuscrito é revisitar a referida pesquisa, para reforçar a importância do resgate da memória¹ como acontecimento coletivo e que se manifesta nas pessoas, logo, é construída socialmente (Candau; 1998; Pollak; 1992).

A metodologia utilizada para o estudo incluiu entrevistas de história oral, no entanto para a discussão aqui proposta, serão enfatizados os dados levantados pela pesquisa exploratória de abordagem qualitativa (Minayo, 1994) e pela revisão bibliográfica (Severino, 2007). O levantamento bibliográfico se deu em direção aos temas do patrimônio, da memória ancestral sobre a Baixada Fluminense e também perpassou a Sequência Didática, aqui sublinhada como um importante instrumento metodológico, que nesse estudo, foi aplicado em uma perspectiva experimental em duas turmas do Ensino Fundamental, sendo elas de quinto e sexto ano, em duas instituições escolares localizadas em Duque de Caxias-RJ, no bairro de Jardim Gramacho e Centro do Município. Dito isso, ainda que não tenha sido explorada no campo de estudo, a metodologia é descrita aqui no sentido de reiterar sua importância como estratégia pedagógica, em especial, como um

¹Cabe registrar que o referido estudo será ampliado no mestrado em curso no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade, a partir do projeto de pesquisa intitulado “Memória Ancestral e História em torno do Museu vivo do São Bento: Os sambaqueiros do São Bento. Memória como construção da identidade social” desenvolvido pela segunda autora sob a orientação da primeira autora.

ARTIGO | A Sequência Didática Como Estratégia Metodológica Para a Educação Patrimonial: Reflexões Sobre Memória Ancestral e o Samabaqui de São Bento em Duque de Caxias

complemento da Educação Patrimonial no sentido de se extrapolar um ensino ‘tradicional’.

A discussão aqui proposta se articula ao dossiê Cultura BXD: As dimensões da cultura na Baixada Fluminense, pela possibilidade de refletir sobre a cultura nesse território, na dimensão do patrimônio cultural e seu vínculo com a memória e a identidade do município de Duque de Caxias. Ao narrar as possibilidades de uso das Sequências Didáticas no resgate da memória ancestral do Samabaqui de São Bento, também é possível apontar para a relevância das intervenções de salvaguarda e educação patrimonial.

2 A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL, MEMÓRIA E RESSIGNIFICAÇÃO DO TERRITÓRIO DA BAIXADA FLUMINENSE

2.1 Baixada Fluminense: Caracterização polissêmica, estigmas e resistências

Não há dificuldades em se encontrar estudos sobre a região da Baixada Fluminense. Há alguns anos é possível identificar uma vasta produção, porém por diferentes vieses. Geograficamente, segundo Rocha e Sales (2023), tudo o que se localiza entre a Serra do Mar e o Atlântico é chamado de Baixada Fluminense, desde o município de Campos dos Goytacazes até a cidade de Paraty. Assim se originam as expressões Baixada dos Goytacazes, Baixada de Araruama, Baixada de Sepetiba e a Baixada da Guanabara, chamada, na contemporaneidade, como Baixada Fluminense.

Entre os pesquisadores, o recorte de Baixada Fluminense, por vezes, contempla os municípios de Nova Iguaçu, Duque de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis, Belford Roxo, Japeri, Queimados e Mesquita (que tiveram a Vila de Iguassu por berço e formam a Grande Iguaçu) e outras abordagens incluem, ainda, os municípios de Magé, Guapimirim, Paracambi, Seropédica e Itaguaí. A inclusão-exclusão no inventário dos municípios que integrariam a Baixada Fluminense refletem a opção das forças políticas locais de se inserirem ou não em sua composição territorial, tentando se desvincilar do imaginário negativo, fomentado pela imprensa carioca, ao mesmo tempo em que buscariam beneficiar-se de políticas públicas de infraestrutura para a região (Rocha, 2013, p. 19). Desse modo, é possível afirmar que a designação para a Baixada Fluminense é polissêmica, como ressalta Marques (2006). Conforme o lugar de onde se observa, da atuação ou interesses de pesquisadores, instituições ou grupos políticos, esse território adquire delineamentos geográficos, econômicos, políticos e culturais variados.

ARTIGO | A Sequência Didática Como Estratégia Metodológica Para a Educação Patrimonial: Reflexões Sobre Memória Ancestral e o Samabaqui de São Bento em Duque de Caxias

A Baixada, até a década de 1980, foi caracterizada pelo estigma da miséria e violência e, em uma perspectiva pejorativa, foi ajustada como cidade dormitório que era, na prática, condenada a ser uma reserva de “mão-de-obra e curral eleitoral” (Nogueira, 2008, p. 03), devido a predileções de uma elite empresarial e política que não se engajava com as questões sociais da época. Contudo, a partir do século XXI, a Baixada Fluminense se estabelece como região estratégica para o desenvolvimento do estado do Rio de Janeiro. Extrapolando-se os estigmas, Barreto (2004) chama a atenção para um movimento novo, uma tentativa de positivação em relação a essa região. De acordo com a autora, em um “discurso-para-fora”, há uma designação para a Baixada Fluminense onde a dimensão de comunidade é salientada, através das questões que envolvem a produção e diversidade cultural. Assim, é possível indicar a existência de esforços coletivos para a produção de imagens positivas sobre a Baixada que possibilitem reverter o estigma com imagens negativas, sobretudo por quem não tem origem nessa região. Em relação a isso, Enne (2004, p. 16) informa que “trata-se de uma produção coletiva de identidades positivas, que visa atingir não só aos que nela residem, mas também a esse senso comum cristalizado”. Aqui destacam-se os institutos culturais e centros de memória, que têm como peculiaridade a autonomia e que se regulam pelas relações com movimentos sociais, através de associações de moradores e os coletivos associados às lutas das minorias, como o movimento negro, movimento dos trabalhadores, de mulheres, entre outros (Enne, 2012).

Na perspectiva do presente artigo nos interessa pensar em produções que tratem das culturas ancestrais indígenas (e negras) no território baixadense e, nos últimos anos, muitos estudos têm se dedicado à se contrapor as narrativas de estereótipos, discriminações e violências para dar foco a essas memórias. A Baixada Fluminense “tem a cor da diversidade” (Bezerra, 2011, p. 187), considerando que sua população é formada por pessoas autodeclaradas pretas e pardas (Brasil, 2010), segundo os dados censitários (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023).

Em uma importante análise sobre cerâmicas indígenas encontradas na antiga Freguesia de Santo Antônio de Jacutinga, em particular nas cidades de Belford Roxo e Nova Iguaçu, pertencentes ao Instituto de Arqueologia Brasileira – IAB, Nunes (2024), menciona a expansão da literatura sobre a Baixada Fluminense, incluindo os grupos indígenas para além da presença negra escravizada que ocupou a região. Para a autora, ainda não há “uma produção tão expressiva [sobre a população indígena] quanto à população negra, mas podemos perceber uma preocupação em repensar a presença

ARTIGO | A Sequência Didática Como Estratégia Metodológica Para a Educação Patrimonial: Reflexões Sobre Memória Ancestral e o Samabaqui de São Bento em Duque de Caxias

desses agentes étnicos ao longo do processo histórico até atualidade” (Nunes, 2024, p. 34).

Conforme estudo de Laurentino (2015, p. 06), a partir dos anos 2000, de fato, os estudos têm destacado temas como a “*escravidão, cultura afro brasileira e a condição do negro como temas centrais para compreender a sociedade na região da Baixada Fluminense*”, considerando, a contribuição das populações negras na formação da sociedade brasileira, como agentes de sua história. História, também marcada por resistências. O espaço anteriormente apontado apenas como a periferia metropolitana do Rio de Janeiro se revela como um território dinâmico e em transformação. Em uma importante reflexão sobre as periferias, Bezerra (2024) informa que não estão alheias aos dispositivos de dominação da colonialidade. Nos termos do autor, a região que hoje é denominada como Baixada Fluminense foi cenário para “*imemoriais resistências de sambaquieiros, tupinambás, africanos, caboclos e malungos, que transmitem suas subjetividades através de uma lógica de partilha empreendida no espírito das periferias*” (Bezerra, 2024, p. 14). Dito isso, é possível afirmar a presença das descendências de povos indígenas e africanos na formação do território baixadense.

2.2 Educação Patrimonial: Memória e identidade

Antes de trazer a discussão a relevância da Educação Patrimonial, cabe mencionar o conceito de patrimônio. Para Rodrigues (2017), o patrimônio cultural, pode ser material (aquilo que é visível) e imaterial (aquilo que não é visível, como ideias, comportamentos, sistema simbólico e religioso) e é reproduzido e preservado por meio da memória social.

Na perspectiva deste manuscrito, a educação patrimonial, objetivando a construção coletiva do conhecimento e aportada na noção da comunidade como produtora de saberes, também é atrelada à memória social local. Partindo-se do ponto de vista de educação dialética de Paulo Freire (2011), percebe-se que toda construção coletiva é compartilhada, demandando situações de aprendizagem para gerar a memória social, que, por sua vez, consente a construção de uma identidade coletiva.

Scifoni (2019, p. 30) atribui à educação patrimonial o *status* de direito social, no sentido de um componente fundamental das atividades de patrimonialização, que oportuniza conexões dialógicas, onde se ensina e se aprende ao se assimilar “sentidos locais conferidos aos bens e lugares, os saberes populares, as relações estabelecidas com

ARTIGO | A Sequência Didática Como Estratégia Metodológica Para a Educação Patrimonial: Reflexões Sobre Memória Ancestral e o Samabaqui de São Bento em Duque de Caxias

as coisas". Desse modo, as táticas de educação patrimonial cooperam para o fortalecimento dos vínculos entre instituição, proteção do patrimônio e as pessoas, permitindo congregar o olhar dos sujeitos locais como forma autêntica de compreensão do patrimônio cultural.

Nos termos de Silva Junior (2018), dentre tantas possibilidades de se conceber a expressão patrimonial, também é possível conformar variados pontos de vista sobre sua função na declaração e reconfiguração de identidades nacionais, regionais e locais. Desse modo, é possível afirmar que o patrimônio constitui muitas relações com a identidade. Conforme explicou Rodrigues (2012, p. 3), a constituição da identidade, seja na dimensão individual ou na dimensão social, não é imutável. Pelo contrário, “é *mutável, (re)inventada, transitória e, às vezes, provisória, subjetiva*”, considerando que ela vai se modificando e se ressignificando à medida em que o tempo passa. Para o autor, no encontro com a diferença e com a diversidade, também se constrói a identidade. Assim, a produção e preservação do patrimônio são essenciais, uma vez que darão respaldo e contribuirão para o reconhecimento de um grupo social e para a demarcação de memórias e identidades.

A noção de preservação está claramente conectada às referências culturais e não apenas aos bens culturais. Isto é, os bens se apresentam como “símbolo e síntese” e as referências como “símbolos da diversidade”, dando o sentido da constituição de uma identidade cultural em constante circulação/deslocamento, segundo Fernandes e Barbosa (2016). Enfatizando a presença da população negra na região baixadense e as várias formas de expressão cultural afro-brasileira, os autores ressaltam que seus bens e referências materiais e imateriais estão presentes no território e, portanto, fazem parte da identidade da população local. Mas essas referências também padecem dos “*conflitos de negação dessa memória ancestral e consequentemente o apagamento das questões raciais*” (Fernandes; Barbosa, 2016, p. 6).

Em uma importante análise sobre identificação, registro e divulgação das referências identitárias no território de Duque de Caxias e da Baixada Fluminense, Laurentino (2025), menciona que, apesar de as histórias e memórias não serem comprovadas, elas são vividas no cotidiano e permanecem no tempo e no espaço. As pessoas continuam agindo conforme suas marcas ancestrais, mas que ao serem ‘embaralhadas’ com inúmeras outras identidades, revelam em sua pertença “*múltiplos apagamentos indentitários que podem ser observados em uma perspectiva de escala*” (Laurentino, 2025, p. 9).

ARTIGO | A Sequência Didática Como Estratégia Metodológica Para a Educação Patrimonial: Reflexões Sobre Memória Ancestral e o Samabaqui de São Bento em Duque de Caxias

Em linhas gerais, reitera-se que a Educação Patrimonial remete à ideia da desconstrução de que o patrimônio cultural é apenas o que é materializado. O que se pretende aqui é evocar a memória oriunda da oralidade, avaliada “nos contextos das sociedades ágrafas/primitivas/indígenas/nativas, como uma escavação da memória” (Rodrigues, 2017, p. 354), no sentido da Arqueologia. Dito isso, considerando-se que “enraizar-se é um direito fundamental” (Bosi; Bruck, 2017) de todo ser humano, esperamos que as memórias indígenas e negras na/da Baixada Fluminense sejam investigadas, celebradas e que sigam constituindo identidades, senso de pertencimento e o sentimento de origem e vínculo para a sua população.

3 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA COMO POSSIBILIDADE METODOLÓGICA PARA A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Conforme anunciado na introdução deste artigo, uma das técnicas metodológicas creditadas como importantes ferramentas em pesquisas sobre o Patrimônio é a Sequência Didática (SD). De acordo com Donizete Franco Lima (2018, p. 153), as SDs são um *“conjunto de atividades, estratégias e intervenções planejadas etapa a etapa pelo docente para o entendimento do tema”*. Sendo referenciadas, originalmente, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), estimulam a investigação científica e potencializam a aprendizagem experiencial de estudantes através de variadas estratégias didáticas. Para o autor, a metodologia que se segue para a construção e aplicação dessas sequências didáticas é essencialmente ativa e vivencial, de modo que possa agregar linguagens e sentidos, como a audição e produção de sons e cantigas, a leitura grupal de textos que se comunicam com os fatos locais, ou mesmo a explicação por meio de desenhos e a contemplação de rudimentos culturais e históricos.

As SDs, portanto, oportunizam o reconhecimento de dados do patrimônio material e imaterial, já que o homem é considerado um ser ativo, em constante movimento. Lima (2018) assinala, ainda, que através dessa estratégia metodológica se avança na assimilação do ensino, consentindo intervenções mais efetivas por parte das/os educadores. É possível alegar que para a realização do presente estudo, utilizou-se a pesquisa-ação, que é caracterizada por Severino (2007), como a pesquisa que, para além de compreender, visa intervir na situação, a fim de modificá-la. Há um objetivo intencional de alteração da situação estudada. Deste modo, ao mesmo tempo em que se

ARTIGO | A Sequência Didática Como Estratégia Metodológica Para a Educação Patrimonial: Reflexões Sobre Memória Ancestral e o Samabaqui de São Bento em Duque de Caxias

realiza um diagnóstico e análise de determinada situação, a pesquisa-ação propõe aos sujeitos envolvidos alterações nas questões analisadas. Em relação a sua finalidade, a pesquisa-ação é uma forma de “pesquisa participante engajada, em oposição à pesquisa tradicional”, que é considerada como “independente”, “não-reativa” e “objetiva” (Engel, 2000, p. 182). Nesse aspecto essa técnica une a investigação à ação ou prática. Ou seja, propicia a produção do conhecimento e sua apreensão como elemento da prática. Tem um caráter intervencivo, que prevê a prática do pesquisador ao longo do estudo e não somente como um desdobramento, ao final da pesquisa, por exemplo. Enfim, é possível enfatizar o aspecto pedagógico da pesquisa-ação, considerando que é uma atividade “cientificiza a prática educativa”, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos que preveem a formação contínua, além da emancipação de todos os sujeitos envolvidos em sua prática, conforme demonstra Franco (2005, p. 483).

Para Carrieri *et al.* (2025), em estudo específico sobre situações geográficas, afirmam que as SDs possuem potencial para promoverem reflexões críticas sobre o valor do patrimônio, no sentido de sua ressignificação para além dos aspectos econômicos e também pelo reconhecimento do passado como possibilidade de novas percepções e novos caminhos para usos possíveis do espaço e, ao mesmo tempo, para a constituição de memórias. Já no trabalho de Santos (2025), no âmbito do ensino de História, se confere a denominação de patrimônio educativo, por meio da sequência didática, considerando que as atividades proposta nessa metodologia promove, de forma prática, a vinculação entre o ensino de História e a educação patrimonial, oferecendo aos estudantes a cultura escolar da instituição em que estão vinculados, provocando a reflexão sobre a memória.

4 O SAMBAQUI DE SÃO BENTO: VIVÊNCIAS PATRIMONIAIS E DE MEMÓRIA COLETIVA EM DUQUE DE CAXIAS

4.1 Memória coletiva no Espaço Cultural e Patrimonial

A história pode ser considerada uma estrutura temporal baseada em acontecimentos, enquanto a memória é a sua presentificação. Ao interpretar e narrar essa história, ela se torna memória, um campo em constante disputa político-territorial. A memória, nesse sentido, entra em confronto com o espaço, revelando a relação entre memória e poder – uma política do esquecimento e uma política da memória.

ARTIGO | A Sequência Didática Como Estratégia Metodológica Para a Educação Patrimonial: Reflexões Sobre Memória Ancestral e o Samabaqui de São Bento em Duque de Caxias

Por um lado, temos a "memória do poder", que valoriza a narrativa oficial e hegemônica. Por outro, o "poder da memória" busca uma perspectiva mais acessível e democrática, que valoriza as experiências e interpretações individuais. É importante notar que a memória não é um registro neutro. Ela é a forma como se lembra, pensa e narra, sendo uma interpretação da história baseada em fatos. Ao refletir sobre a memória de áreas periféricas como a Baixada Fluminense, percebemos que ela é moldada por uma intensa disputa de poder. Em regiões onde grande parte da população enfrenta condições precárias e a ausência do poder público, a memória se torna um pilar fundamental para a constituição de identidades. A necessidade de formar uma identidade através da memória local é predominante, compensando a falta de acesso a outras formas de experimentação e vivências culturais.

A memória é uma construção contínua, tanto social quanto individual, e essa dinâmica se conecta diretamente com o conceito de identidade de Stuart Hall (2011). O autor argumenta que as identidades são fluidas e complexas, moldadas por múltiplos fatores sociais, culturais, políticos e econômicos, e imersas em conflitos de poder e interesses que permeiam a produção capitalista.

Nesse contexto, a identidade social é a imagem que um grupo constrói de si mesmo, para si e para os outros, sempre em referência a outras identidades. Michael Pollak (1992) complementa essa ideia ao defender que a memória e a identidade são passíveis de negociação e não representam a essência imutável de uma pessoa ou de um grupo. Para Pollak (1992), a memória e a identidade já estão suficientemente constituídas, e o contato com outros grupos não necessariamente provoca a necessidade de uma reconfiguração profunda.

A memória, portanto, deve ser entendida como o resultado de uma construção social diretamente ligada à constituição da identidade. Conforme explica Jacques Le Goff (1996), a memória é um conjunto de funções psíquicas que nos permite conservar informações sobre o passado através de um processo de reelaboração. Esse processo envolve a valorização e a seleção de alguns aspectos, ao mesmo tempo em que promove o esquecimento de outros. Partindo desse princípio, a memória se torna o resultado de uma ação cultural coletiva, na qual um grupo produz a imagem de si mesmo.

Ao tratar da preservação da memória coletiva, o Museu Vivo do São Bento (MVSB) se destaca como um 'ecomuseu' que integra diversas temporalidades da história brasileira, contribuindo para a construção e reconstrução dessa memória. Instituído a partir de uma reivindicação de profissionais da Educação de Duque de Caxias e de

ARTIGO | A Sequência Didática Como Estratégia Metodológica Para a Educação Patrimonial: Reflexões Sobre Memória Ancestral e o Samabaqui de São Bento em Duque de Caxias

movimentos sociais e culturais do município, o museu oferece um roteiro que abrange desde a pré-história com os sambaquieiros do São Bento, passando pelo Núcleo colonial, a Era Vargas, chegando à história do tempo presente. O bairro de São Bento vive um constante encontro com atividades culturais, servindo como um espaço de pesquisa e diálogo com a comunidade local. É um local onde ocorrem atividades como aulas de reforço escolar, rodas de capoeira, sessões de cinema social e uma expressiva troca de experiências entre a comunidade e profissionais das áreas de pesquisa e educação (Sousa, 2023).

Os múltiplos referentes culturais da Baixada Fluminense nos ajudam a definir e a pensar o seu próprio conceito, à luz das diversas experiências históricas que a caracterizaram. Além disso, esses referentes podem auxiliar a restituir à população local elementos essenciais de pertencimento, ajudando-a a superar as desigualdades e adversidades político-sociais de longa duração. O MVSB, juntamente com outras instituições e associações locais, cria novas formas de pensar o espaço como um ambiente sensível, permitindo a conexão com a memória.

A cultura, como abordado por Raymond Williams (2005) em seu texto sobre base e superestrutura, produz tanto a imaterialidade quanto a materialidade. Utilizando a teoria marxista e o exemplo do piano e do pianista, o autor explica que o construtor do piano seria a base, e o pianista, a superestrutura. Podemos estender esse diálogo para a relação entre o material e o imaterial: o conhecimento sobre como fazer o piano é imaterial, enquanto o objeto (o piano) é material. Da mesma forma, a arte do pianista é imaterial, mas o som produzido é material. Concluímos, portanto, que não existe uma separação rígida entre a base e a superestrutura, nem entre o material e o imaterial, pois eles coexistem e se complementam.

O sítio arqueológico Sambaqui do São Bento, e outros referenciais culturais de áreas periféricas e de classes subalternas, são abordados como patrimônios materiais. No entanto, eles são também espaços imateriais por sua capacidade de resistência, já que a sua importância é reconhecida a partir do olhar e do interesse de alguém em preservá-los.

A construção da História da Baixada Fluminense exige esforços de coleta e análise de dados e memórias. Historiadores e profissionais da rede de educação e cultura têm investido na análise das memórias silenciadas, revisitando lembranças de diversos grupos étnicos para torná-las objeto de pesquisa e fonte para a memória social. Quando recordamos, realizamos uma ação individual. No entanto, quando essas lembranças são reveladas e socializadas, elas se transformam em fatos sociais. A memória individual se

ARTIGO | A Sequência Didática Como Estratégia Metodológica Para a Educação Patrimonial: Reflexões Sobre Memória Ancestral e o Samabaqui de São Bento em Duque de Caxias

torna, então, memória social, como discutido pelo historiador Antônio Augusto Braz (2002). Expandindo a ideia do papel do historiador contemporâneo e da memória coletiva, o autor alega que uma das funções sociais da memória é dar identidade aos grupos que a produzem. Em uma sociedade, não existe uma única memória, mas sim múltiplas.

É interessante pensar que a história e a memória são antônimas. A história aposta na descontinuidade, pois é, ao mesmo tempo, registro, distanciamento, problematização, crítica e reflexão, conforme analisa Márcia Maria Menenes Motta (1998). Já a memória constrói uma linha reta com o passado, alimentando-se de lembranças vagas e contraditórias. A memória também é positiva e positivista, pois muitas vezes reafirma um passado de riquezas que, ao ser lembrado, antecipa um futuro pleno de potencialidades. Dessa forma, a memória viva é uma contribuição fundamental para a construção da história local e regional, apoiada nas memórias coletivas, muitas vezes transmitidas pela oralidade. Ao tratar de territórios marginalizados, a disputa de poder é inevitável e a cultura é frequentemente direcionada e manipulada. Isso nos leva a questionar: Qual passado é considerado importante, para quem e com qual propósito? Raymond Williams (2011) chama esse processo de “tradição seletiva”, abordando a tradição como sendo um processo determinado por classe, território e étnico-racial. Sendo assim, é indispensável analisar a relação com o processo social ao se discutir a patrimonialização.

4.2 O município de Duque de Caxias: Vivências e Patrimônios

Sobre a realidade local e a perspectiva de mudança, Solano Trindade (1957) referiu-se à cidade de Duque de Caxias: “*A cidade onde eu moro/ É como o mundo/ Tem criminosos e santos/ Há os que exploram/ E há os explorados/ Quando o mundo mudar/ A cidade onde eu moro/ Mudará também*”. Já o historiador Alexandre dos Santos Marques (2006), um grande incentivador da produção cultural e dos “pontos de memória” da cidade, adota um olhar crítico para conceituar esse território, partilhando da visão de Trindade sobre o espaço caxiense. A mudança mencionada no poema pode ser verificada tanto pelo crescimento populacional, após a emancipação de Duque de Caxias, em 1943 e a expansão territorial, quanto pela perspectiva do fortalecimento das demandas sociais da região às margens da Baía de Guanabara.

A Baixada Fluminense serve como um argumento robusto para problematizar não apenas a região, mas também as relações sociais e políticas que nela se estabelecem, visto

ARTIGO | A Sequência Didática Como Estratégia Metodológica Para a Educação Patrimonial: Reflexões Sobre Memória Ancestral e o Samabaqui de São Bento em Duque de Caxias

que a identificação e a análise de seus problemas auxiliam na reflexão e na intervenção na realidade, buscando melhorias sociais.

O espaço territorial de Duque de Caxias, localizado em uma das regiões à margem, é moldado por um perfil de lutas sociais que sobrevivem diariamente à repressão e à violência. Segundo Virgínia Fontes (2014), o município continua sendo marcado pela expansão do capitalismo da capital e do nacional. Contudo, esse capitalismo periférico acaba sendo visto como um lugar de migrantes e pobreza, o que lhe atribui um papel menor. Existem diferentes olhares para a Baixada: Um que busca a miséria e outro que exalta a beleza segregada e a riqueza oculta. Um olhar que menospreza e o olhar de dentro da periferia. Marlúcia de Souza (2014), na obra *Escavando o Passado de Cidade: História Política da cidade de Duque de Caxias*, cita o jornalista Maurício Hill, do jornal *Diário Última Hora* (1962), que conceituou a Baixada Fluminense como “o Nordeste sem seca”. Essa definição associa a região a uma situação de miséria onde se expandiam as ligas camponesas. Apesar de Duque de Caxias ser o segundo município do Estado do Rio de Janeiro em arrecadação de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), ainda sofre com a ausência de infraestrutura urbana e as precárias condições de vida de sua população.

Conforme já mencionado, não existe um consenso sobre a definição de Baixada Fluminense, o território que abriga Duque de Caxias. Entretanto, é necessário o apontamento de ser uma região múltipla. Alguns se apegam ao conceito geográfico, que a define como a planície que se estende entre o litoral e a Serra do Mar, indo do município de Campos, no extremo Norte, até Itaguaí, próximo à cidade do Rio de Janeiro. Outros, por sua vez, utilizam a definição de Baixada ao Recôncavo da Guanabara, restrita à região no entorno da Baía de Guanabara, abrangendo de Cachoeira de Macacu a Itaguaí (Souza, 2014). No entanto, a Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (FUNDREM) adotou critérios como graus de urbanização, violência e densidade populacional, colocando a Baixada Fluminense no que ela denominou de Unidade Urbana Integradas a Oeste do Rio de Janeiro.

O município de Duque de Caxias possui uma identidade cultural própria e diversificada, com grande potencial para o turismo cultural e patrimonial. Isso abre espaço para o desenvolvimento de ações econômicas baseadas em um turismo sustentável, que valorize o rico patrimônio cultural e ambiental da região. Fábio Silva Gonçalves (2013) destaca a importância em se vincular o crescimento econômico, por meio de investimentos na geração de renda e sustento, a uma política de preservação de

ARTIGO | A Sequência Didática Como Estratégia Metodológica Para a Educação Patrimonial: Reflexões Sobre Memória Ancestral e o Samabaqui de São Bento em Duque de Caxias

tradições, heranças e lugares de memória e história, que se veem ameaçados pela modernidade. A descentralização do turismo do Rio de Janeiro pode potencializar espaços culturais na região caxiense, como o Parque Municipal da Taquara, a Reserva Biológica de Tinguá, a primeira estação ferroviária brasileira em Magé, o antigo porto colonial no Pier de Piedade e o próprio ecomuseu do São Bento, que representa uma linha do tempo histórica.

O processo de patrimonialização está em constante transformação e, nesse percurso, esbarra na Educação Patrimonial. Essa se tornou uma ferramenta vital e necessária tanto para a manutenção das interpretações sobre o passado, consagradas pelo Estado, quanto para o questionamento e a problematização dessas narrativas. Simone Scifoni (2017) expande essa temática ao discutir o conceito de “conhecer para preservar”, instituído na década de 1930. Essa ideia pressupõe a ignorância da população sobre seu próprio patrimônio o que, em última instância, despolitiza o debate. A autora questiona o abandono e a deterioração física de locais em centros históricos e a ausência de medidas de conservação. Desse modo, podemos questionar se tal abandono é realmente fruto do desconhecimento do valor dessas edificações, muitas delas heranças, ou são resultados do interesse pelo lucro com a demolição e venda dos terrenos. Ao adotarmos um olhar menos ingênuo sobre o território, percebemos que o próprio local se transforma a partir da perspectiva de análise. Surge, assim, a necessidade de estudos mais dinâmico e que permitam a compreensão da história da produção dessa periferia, vista não apenas como um produto, mas também como um meio de produção e reprodução da vida social.

4.3 Sítio Escola Sambaqui do São Bento: Prática Pedagógica e Memórias Ancestrais da Baixada Fluminense

Na Baixada Fluminense é evidente a presença de memórias indígenas e negras, que se manifestam, por exemplo, nos nomes de bairros e ruas. No entanto, antes mesmo da presença indígena mais conhecida, a região foi habitada pelos chamados povos das conchas ou sambaquieiros. A base de sua sobrevivência era a pesca, e esses habitantes da Baixada Fluminense – catadores, coletores, nadadores e pescadores – foram os primeiros a modificar a paisagem local, transformando sua geografia e imprimindo as primeiras marcas humanas na região (Silva; Souza, 2009).

ARTIGO | A Sequência Didática Como Estratégia Metodológica Para a Educação Patrimonial: Reflexões Sobre Memória Ancestral e o Samabaqui de São Bento em Duque de Caxias

A Baixada Fluminense, localizada à beira da Baía de Guanabara, dá nome a bairros como o Beira Mar, em Duque de Caxias. No século XIV, rios extensos nasciam nas serras e desaguavam na região, tornando a locomoção por vias fluviais a principal forma de transporte. A presença abundante de água na região também inspirou o nome do bairro Pantanal, localizado nesse município.

O patrimônio arqueológico tem como objetivo compreender as sociedades, estabelecendo a conexão entre o passado e o presente. No Sítio Sambaqui do São Bento, estima-se que os sambaquieiros foram os primeiros habitantes da Baixada Fluminense, vivendo às margens do litoral brasileiro. Embora muitas características específicas da região ainda estejam em estudo, as pesquisas arqueológicas não identificaram marcas de violência, o que sugere que não houve extermínio desses povos.

A relação entre patrimônio e memória é indissociável, sendo a narrativa o principal meio para interpretar a história e transformá-la em memória. Michael Pollak (1992), em sua abordagem sobre memória e identidade social, descreve a memória como um fenômeno socialmente e individualmente construído, que estabelece uma forte ligação com o sentimento de identidade, quase como uma herança. Compreendendo a memória como uma construção coletiva, percebemos que ela também contribui para a edificação da individualidade.

O valor afetivo dos locais e dos bens culturais deve ser levado em consideração no debate sobre patrimônio, uma vez que a noção de patrimônio pode ser transmitida, carregada, modificada e entendida de forma abrangente. Na perspectiva de ser herdada, a memória é, por natureza, seletiva, guardando apenas aquilo que nos é relevante. Como reflete o poema "Guardar" de Antônio Cícero (1996):

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.

Em cofre não se guarda coisa alguma.

Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela (Cícero, 1996).

ARTIGO | A Sequência Didática Como Estratégia Metodológica Para a Educação Patrimonial: Reflexões Sobre Memória Ancestral e o Sambaqui de São Bento em Duque de Caxias

Ao tratar da pré-história brasileira, o Sambaqui do São Bento é um exemplo amplamente atual, pois se tornou um Sítio Escola, para atender alunos, professores e escolas, principalmente da Baixada Fluminense, com o objetivo de apresentar a luta pela defesa do patrimônio arqueológico local. Para viabilizar esse projeto, um grupo de historiadores, geógrafos, arqueólogos e arquitetos elaborou uma proposta que foi apresentada ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Em 2010, o Departamento de Arqueologia da instituição decidiu escavar o sítio, um evento que se tornou um marco para a história e a preservação da memória regional. A escavação foi realizada pelo método do escalonamento, que consiste na criação de plataformas que permitem a visitação do sítio, a visualização de sua estratigrafia e a observação dos sepultamentos preservados. O material arqueológico encontrado era rico e diversificado, incluindo adornos de ossos, lascas, polidores, almofarizes, conchas e restos faunísticos. Grande parte desse acervo foi transportada para o Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB). Embora a estimativa inicial fosse de mais de 5 mil anos, a datação realizada pelo Instituto concluiu que o sítio possui cerca de 8 mil anos, o que o torna um dos mais antigos da região (Luz, 2024). Pensado e estruturado como uma prática pedagógica, o MVSB utiliza tudo o que o cerca como objeto de pesquisa.

Segundo Sousa (2023), com a Educação Patrimonial como base, o museu transformou o sítio arqueológico em Sítio Escola Sambaqui do São Bento. Além disso, realiza cursos de formação continuada para professores e pesquisadores, promovendo percursos pela Baixada em parceria com escolas municipais locais, que propicia a valorização do território e do patrimônio, incentivando a percepção dos vestígios deixados ao longo do tempo. Contudo, realizar o trabalho de campo na região apresenta desafios, como o clima quente, a presença de milícias e o longo trajeto. Apesar das dificuldades, o estudo aprofundado do território é considerado fundamental para a compreensão das memórias e da história local.

Conforme explicitado na introdução, aplicou-se uma atividade baseada na Sequência Didática em duas turmas do Ensino Fundamental, de forma a testar a metodologia. Destacam-se, portanto, a título de exemplo, algumas atividades que foram planejadas e desenvolvidas de maneira experimental em concomitância com o estudo. “*Uma proposta que fazem convergir a memória ancestral da Baixada, a Educação Patrimonial e a metodologia da Sequência Didática, com o tema “O conceito de memória ancestral na Baixada Fluminense”* (Sousa, 2023).

ARTIGO | A Sequência Didática Como Estratégia Metodológica Para a Educação Patrimonial: Reflexões Sobre Memória Ancestral e o Sambaqui de São Bento em Duque de Caxias

Em uma das atividades, planejou-se uma aula expositiva e dialógica, cujo percurso pedagógico teve, em seu primeiro momento, a explicação da educadora sobre o tema e posteriormente os alunos elaboraram, em seu próprio caderno, perguntas que tivessem como respostas as palavras: Sambaqui; Zoólitos; Montes de conchas; Sítio Arqueológico. Em outra atividade, as/os alunas/os ficaram dispostos em uma roda e foi aplicada uma dinâmica de grupo, baseada em fotos de seus familiares, com a intenção de despertar a reflexão sobre sua relação com as identidades plurais da Baixada Fluminense, cuja identidade é demonstrada, por traços da cultura nordestina e da cultura afro-brasileira. E em uma terceira atividade, aqui exemplificada, cita-se a exibição de documentários² sobre os sítios arqueológicos no litoral brasileiro, além da exibição da exposição visual do Sambaqui da Baixada Fluminense, utilização de slides com imagens selecionadas, seguidos de debate.

As atividades que compuseram a Sequência Didática, nas turmas em que foram testadas, ocorreram conforme o planejado. Por serem atividades metodologicamente distintas de atividades escolares cotidianas, tiveram uma ótima aceitação e interação. Ao longo da atividade sobre ‘encontrar semelhantes entre a turma’, percebeu-se a curiosidade dos alunos em saber como são os familiares dos seus colegas de classe, denotando, assim que houve uma busca por identidade. As atividades, de modo geral, intencionavam justamente despertar a curiosidade, construir o sentimento de pertencimento e buscar o conhecimento sobre a ancestralidade, além de promover o entendimento de como a cultura indígena influenciou e continua influenciando as sociedades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão proposta é possível inferir que o Sambaqui do São Bento está intimamente ligado ao campo patrimonial, sendo constituidor de uma importante referência cultural da cidade de Duque de Caxias e, consequentemente, do território da Baixada Fluminense, reafirmando que o uso das narrativas do passado possui um sentido político.

Reexaminado o estudo elaborado em 2023, também reafirmamos a relevância em

²SP Arqueologia: Sambaqui, Duração: 13 min. Disponível em: <http://livro.pro/aiogtv>. Documentário do Sambaqui do Cubatão. Duração: 40min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tQ5oPU7UI5c>.

ARTIGO | A Sequência Didática Como Estratégia Metodológica Para a Educação Patrimonial: Reflexões Sobre Memória Ancestral e o Samabaqui de São Bento em Duque de Caxias

se resgatar e valorizar memórias e ancestralidades sambaquieiras, indígenas e negras desse território como um fato coletivo e que, portanto, é organizado socialmente.

Por fim, é possível concluir que as Sequências Didáticas são importantes ferramentas de ação pedagógica, no fortalecimento e consolidação da educação patrimonial, além de ser um relevante dispositivo na promoção de identidade locais, em oposição às histórias e narrativas contadas a partir da colonização.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, A. S. Um Olhar Sobre a Baixada: usos e representações sobre o poder local e seus atores. **Campos - Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 45–64, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/1620>. Acesso em: 6 set. 2025.
- BEZERRA, N. R. **Espírito das periferias**: Ancestralidades indígenas e africanas na Baixada Fluminense. Duque de Caxias, RJ: Esteio Editora, 2024.
- BEZERRA, N. R. **A cor da Baixada**: Escravidão, Liberdade e Pós-Abolição no Recôncavo da Guanabara. APPH-CLIO. Duque de Caxias, 2011.
- BRASIL. **Estatuto da igualdade racial** – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2010. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/496308/000898128.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2025.
- BRAZ, A.A. Memória Viva: Uma apresentação. **Revista Pilares da História**. out/nov/dez. 2002. Disponível em: https://www.cmdc.rj.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/Ano_03_n04_maio_2004.pdf. Acesso em: 21 set. 2025.
- BOSI, E.; BRUCK, M.S. Memória: Enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. **Revista V! RUS**, v. 1, n. 15, 2017. Disponível em: <https://vnomads.eastus.cloudapp.azure.com/ojs/index.php/virus/article/view/233>. Acesso em: 10 set. 2025.
- CANDAU, J. **Mémoire et identité**. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.
- CARRIERI, R. A. M.; CARRIERI, W. A. M.; OLIVEIRA, F. S. Sequência didática, a partir de uma situação geográfica, com vistas à valorização patrimonial de um sítio arqueológico. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, v. 21, n. 2, p. 285–304, 2025. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/tamoios/article/view/80311>. Acesso em: 5 set. 2025.
- CÍCERO, A. **A cidade e os livros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ARTIGO | A Sequência Didática Como Estratégia Metodológica Para a Educação Patrimonial: Reflexões Sobre Memória Ancestral e o Samabaqui de São Bento em Duque de Caxias

ENGEL, G. I. Pesquisa-ação. **Educar em revista**, p. 181-191, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/dDzfLYyDpPZ3kM9xNSqG3cw/?lang=pt>. Acesso em: 05 set. 2025.

ENNE, A.L.S. Imprensa e Baixada Fluminense: Múltiplas representações. **Ciberlegenda**. n.14, 2004. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/222/118>. Acesso em 06 de jul. de 2015.

FONTE, V.M.G.M. Prefácio. In: **Escavando o passado da cidade: História política da cidade de Duque de Caxias** (Org) SOUZA, M. S. Direitos de publicação de APPH-CLIO, 2014.

FRANCO, M.A.S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e pesquisa**, v. 31, p. 483-502, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/DRq7QzKG6Mth8hrFjRm43vF/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 05 set. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GONÇALVES, F. S. Duque de Caxias: Patrimônio Histórico e Cultura Material como política para um turismo sustentável. **Revista Pilares da História**. Ano 12, nº13, maio de 2013. Disponível em: https://www.cmdc.rj.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/Ano_12_n13_maio_2013.pdf. Acesso em: 21 set. 2025.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro; DP&A, 2011.

IBGE. **Censo Demográfico 2022: População e domicílios - Primeiros resultados**. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102011.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2024.

LAURENTINO, E. Trajetórias de uma historiografia: memória e cultura afro brasileira na Baixada Fluminense. **Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos Historiadores: Velhos e novos desafios**. Florianópolis – SC, 2015. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945025_9addcf59e506e29806cfe3a0ceffa978.pdf. Acesso em: 06 set. 2025.

LAURENTINO, E. “Tem as raízes que ficam”: um ponto de memória e as referências identitárias em Duque de Caxias. **Anais do VI Seminário de Estudos Contemporâneos da Baixada Fluminense**, 2025. Disponível em: <https://secbxd.wixsite.com/vi-secbf>. Acesso em: 14 set. 2025.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Editora Unicamp. SP. 1996, p. 477.

LUZ, O.I. **Museu Vivo do São Bento: práticas decoloniais na Baixada Fluminense**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Seropédica, 2024.

ARTIGO | A Sequência Didática Como Estratégia Metodológica Para a Educação Patrimonial: Reflexões Sobre Memória Ancestral e o Samabaqui de São Bento em Duque de Caxias

MARQUES, A.S. Baixada Fluminense: da conceituação às problemáticas sociais contemporâneas. **Revista Pilares da História** - Duque de Caxias e Baixada Fluminense, ano IV, nº 6, abril de 2006. Disponível em: http://www.bvambientebf.uerj.br/banco_de_imagens/revistas_pilar_hist/06_revista_pilares_da_historia.pdf. Acesso em: 18 ago. 2025.

MARQUES, A. S. Centro de Memória: Caminhos e descaminhos da produção da história da Baixada Fluminense. **Revista Pilares da História**. out/nov/dez. 2002. Disponível em: Disponível em: https://www.cmdc.rj.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/Ano_03_n04_maio_2004.pdf. Acesso em: 21 set. 2025.

MINAYO, M.C.S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. (Org.) DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R.; MINAYO, M. C.S. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 1994.

MOTTA, M.M.M. História e Memória. In: **História. Pensar e Fazer**. (Org.) MATTOS, M.B. Rio de Janeiro. Laboratório Dimensões da História. 1998. p.75-87.

NOGUEIRA, M.A.M. Baixada Fluminense. In: **Baixada Fluminense: a construção de uma história. Sociedade, economia, política**. (Org.) TORRES, G. 2 ed. Rio de Janeiro: INEPAC, 2008.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista estudos históricos**, v. 10, p. 200-215, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 10 set. 2025.

ROCHA, A; SALES, J. Reflexões sobre a genealogia do conceito de Baixada Fluminense: A Baixada da Guanabara, a Grande Iguaçu e o município de Magé. **Revista Sociedade-natureza na Baixada Fluminense: perspectivas de investigação**. 2023. Disponível em: https://rima.ufrj.br/jspui/bitstream/20.500.14407/8375/1/Sociedade_Natureza.pdf. Acesso em: 18 ago. 2025.

ROCHA, A. “Nós não temos nada a ver com a Baixada!”: problemáticas de uma representação hegemônica na composição do território. **Recôncavo: Revista de História da UNIABEU**, Ano 3, nº4, janeiro a julho de 2013. Disponível em <http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/reconcavo/article/view/1063>. Acesso em: 06 set. 2025.

RODRIGUES, D. Patrimônio cultural, memória social e identidade: Interconexões entre os conceitos. **Letras Escreve**, v. 7, n. 4, p. 337-361, 2017. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/0966/1739ce4061c1190d5d10d506f099c746e1b5.pdf>. Acesso em: 10 set. 2025.

RODRIGUES, D. Patrimônio cultural, memória social e identidade: Uma abordagem antropológica. **Revista Ubimuseum**, v. 1, p. 45-52, 2012. Disponível em: <https://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-rodrigues-donizete-patrimonio-cultural-memoria-social-identidade-uma%20abordagem-antropologica.pdf>. Acesso em: 14 set. 2025.

ARTIGO | A Sequência Didática Como Estratégia Metodológica Para a Educação Patrimonial: Reflexões Sobre Memória Ancestral e o Samabaqui de São Bento em Duque de Caxias

SANTOS, V.F.F. Sequência didática: “Patrimônio educativo nas aulas de história do ensino médio”: um percurso pela história e pelo patrimônio do Grupo Escolar Dr. Manoel Luiz (Aracaju/SE)-1924-1927. Trabalho de Conclusão de Mestrado (Mestrado profissional em ensino de história – ProfHistória). Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2025.

SCIFONI, S. Desafios para uma nova Educação Patrimonial. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 48, p. 5-16, 2017. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1982-03052017000100005&script=sci_arttext. Acesso em: 21 set. 2025.

SCIFONI, S. Conhecer para preservar: Uma ideia fora do tempo. **Revista CPC**, São Paulo, Brasil, v. 14, n. 27esp, p. 14–31, 2019. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cpc/article/view/157388>. Acesso em: 10 set. 2025.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA JUNIOR, J.E.; TAVARES, A.L.O. Patrimônio Cultural, Identidade e Memória Social: Suas interfaces com a sociedade. **Ciência da Informação em Revista**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 3–10, 2018. DOI: 10.28998/cirev.%y53-10. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/3775>. Acesso em: 10 set. 2025.

SILVA, M.G.; SOUZA, M.S. Os professores e a construção do eco-museu no município de Duque de Caxias (RJ): um relato de experiência”. In: **Memória e patrimônios: Experiências em formação de professores**. (Org.) PEREZ, C.L.V.; TAVARES, M.T.G.; ARAUJO, M.S. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

SOUZA, G.S. **Memória ancestral e História em torno do Museu Vivo do São Bento: Os sambaqueiros do São Bento**. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2023.

SOUZA, M.S. **Escavando o passado da cidade: História política da cidade de Duque de Caxias**. Direitos de publicação de APPH-CLIO, 2014.

TRINDADE, S. Epígrama Caxiense. In: **Jornal O grupo**. Duque de Caxias, maio de 1957.

WILLIAMS, R. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. **Revista USP**, São Paulo, n 65, p.210- 224, março/ maio, 2005. Tradução de Bianca Ribeiro Manfrini.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores, bem como no que se refere ao uso de imagens.